

# Juventude universitária e projetos profissionais: trajetórias de desafios e incertezas

Maria Isabel Silva Bezerra Linhares\*

---

## Resumo

Este artigo trata do processo de construção de projetos profissionais de jovens universitários e tem por objetivo analisar e discutir as maneiras pelas quais esses jovens vêm construindo trajetórias, narrativas e projetos de vida a partir das novas configurações assumidas pelo trabalho na contemporaneidade. Procuo tratar das desigualdades relacionadas ao acesso e à permanência no sistema de ensino superior e, para entender essa segunda dimensão, foi importante conhecer as práticas adotadas pelos estudantes para prolongar seus estudos. Com o enfoque etnográfico, busquei compreender a trajetória escolar e profissional dos jovens através da observação-participante, entrevista-narrativa e análise documental. Como suporte teórico destacaram-se as contribuições de Alves (2012), Prandi (1989), Zago (2006), entre outros. Ao final, apresento e analiso as principais temáticas localizadas nos depoimentos: as percepções, vivências e experiências relatadas, pelos entrevistados, que remeteram de maneira direta ou indireta, a um aprendizado de construção pessoal aliado a uma concepção de futuro apresentado pelos jovens como um mosaico de possibilidades.

**Palavras-chave:** jovens universitários; ensino superior; trajetórias

## Resumen

En este artículo se aborda el proceso de construcción de los proyectos profesionales de los estudiantes universitarios y tiene como objetivo analizar y discutir las formas en que estos jóvenes están construyendo carreras, narraciones y proyectos de vida de las nuevas configuraciones asumidas por el trabajo en la sociedad contemporánea. Trato de hacer frente a las desigualdades relacionadas con el acceso y permanencia en el sistema de educación superior y para entender esta segunda dimensión era importante conocer las prácticas adoptadas por los estudiantes a continuar sus estudios. Con el enfoque etnográfico, traté de entender las trayectorias educativas y profesionales de los jóvenes a través de la observación participante, entrevista narrativa y análisis documental. Como soporte teórico destacado la contribución Alves (2012), Prandi (1989), Zago (2006), entre otros. Al final, se presentan y analizan los principales temas ubicados en los estados: las percepciones, vivencias y experiencias reportadas por los encuestados, que remiten directa o indirectamente, a un aprendizaje de construcción personal combinado con un diseño de futuro presentado por los jóvenes como un mosaico posibilidades.

**Palabras clave:** joven universitario; enseñanza superior; trayectorias.

---

\* Doutoranda em Sociologia pelo Programa de Pós-Graduação em Sociologia da Universidade Federal do Ceará (UFC); Professora da Universidade Estadual Vale do Acaraú (UVA). Bolsista pela CAPES. Pesquisadora do Grupo de Estudos e Pesquisas sobre Culturas Juvenis (GEPECJU) e coordenadora da linha “Juventude, Trabalho e Políticas Públicas”. E-mail: [isabelblinhares@yahoo.com.br](mailto:isabelblinhares@yahoo.com.br).

**Abstract**

This article deals with the process of building professional projects of university students and aims to analyze and discuss the ways in which these young people are building careers, narratives and life projects from the new configurations assumed by the work in contemporary society. I try to address inequalities related to access and stay in the higher education system and to understand this second dimension was important to know the practices adopted by students to continue their studies. With the ethnographic approach, I tried to understand the educational and professional trajectories of young people through participant observation, interview-narrative and documentary analysis. As theoretical support stood out the contributions Alves (2012), Prandi (1989), Zago (2006), among others. At the end, we present and analyze the main themes located in the statements: the perceptions, experiences and experiences reported by the respondents, who forwarded directly or indirectly, to a personal learning construction combined with a future design presented by young people as a mosaic possibilities.

**Keywords:** young university student; higher education; trajectories

---

## Introdução

Este artigo trata do processo de construção de projetos profissionais de jovens universitários e tem por objetivo analisar e discutir as maneiras pelas quais esses jovens vêm construindo trajetórias, narrativas e projetos de vida a partir das novas configurações assumidas pelo trabalho na contemporaneidade. Procurei tratar das desigualdades relacionadas ao acesso e à permanência no sistema de ensino superior e, para entender essa segunda dimensão, foi importante conhecer as práticas adotadas pelos estudantes para prolongar seus estudos. Com esse objetivo, efetuei um recorte, centrando-me em questões relacionadas às desigualdades educacionais e à presença de jovens de origem popular na universidade, os quais elaboram projetos profissionais num terreno de incertezas.

Nas últimas décadas, fenômenos relacionados a transformações no mundo do trabalho e no contexto educacional (entre eles, o prolongamento da escolaridade e a elevação das taxas de desemprego, especialmente entre os jovens), contribuíram para que a juventude universitária ocupasse um novo lugar nos estudos sociológicos em educação. Dessa renovação, destaco o deslocamento do olhar sociológico voltado às grandes determinações estruturais para o estudo dos processos escolares envolvendo, entre outras questões, as estratégias e práticas adotadas pelos estudantes para prolongar seus estudos. Diante dessa realidade que envolve a juventude brasileira, e de modo especial os jovens do ensino

superior, senti-me instigada a realizar um estudo com jovens universitários da Universidade Estadual Vale do Acaraú (UVA), na cidade de Sobral-Ceará.

Para o estudo em questão contei com duas fontes principais de informação: 1) de natureza quantitativa, através de levantamento de dados oficiais do Censo da Educação Superior, do Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira (INEP), entre outros; 2) em dados mais aprofundados, obtidos nas entrevistas narrativas com três jovens universitários, estudantes do curso de Licenciatura em Pedagogia e membros de grupos de estudos da Universidade Estadual Vale do Acaraú (UVA), em Sobral – Ceará, e observação do cotidiano desses jovens na Universidade, como situação social, durante o ano de 2013 (período letivo). Para a realização das entrevistas, selecionei universitários originários do interior, das cidades circunvizinhas de Sobral, que freqüentavam fases mais adiantadas da formação (últimos semestres), que participavam de grupos de estudos e que se envolviam mais intensamente nas atividades acadêmicas.

Recorri aos trabalhos de Alves (2012), Prandi (1989), Zago (2006), entre outros, que contribuíram na discussão sobre o acesso de jovens ao ensino superior, tanto no que diz respeito a constituição de um novo precariado, no caso brasileiro, bem como para compreender o contexto sociopolítico no qual se constroem novas experiências de jovens de origem popular na Universidade.

Os relatos das experiências de jovens foram aqui considerados como narrativas dos projetos profissionais, portanto, contêm informações, evocações e reflexões. Analisei as narrativas dos jovens considerando-as como interpretações individuais de suas experiências sobre suas trajetórias enquanto estudantes da universidade, bem como suas expectativas e projetos com relação ao ensino superior e naquilo que imaginam a respeito de seu próprio futuro profissional. Evidentemente nestes casos tratou-se do levantamento de uma parcela da vida de um indivíduo, em cuja análise remeti a contextos estruturais contemporâneos. Tratei, portanto, de relatos motivados pela pesquisadora e implicando sua presença como ouvinte e interlocutora, sendo um material restrito à situação de entrevista. Vale ressaltar que considerei apenas o que foi narrado à pesquisadora pelo entrevistado sem a complementação de outras fontes, no que diz respeito ao tema desta pesquisa: juventude universitária e projetos profissionais.

O artigo encontra-se dividido em duas partes. A primeira trata especificamente do debate em curso sobre a ampliação do acesso de vagas no ensino superior no Brasil, a partir do qual temos conhecimento de uma série de medidas que vêm sendo adotadas sob o argumento da ampliação e facilitação do acesso dos jovens egressos do ensino médio ao

ensino superior. Na segunda parte, apresento as narrativas dos jovens que chegam do interior para as cidades concebidas como “pólos universitários”, como no caso da cidade em destaque, Sobral-Ceará, que vislumbram em seus projetos pessoais as possibilidades de acesso ao ensino superior, e que mesmo se deparando com os dilemas cotidianos no enfrentamento de seus projetos, recorrerem a estratégias e práticas de superação das dificuldades de permanência nesse novo estágio de vida.

### **1. As “incubadoras do precariado”: algumas aproximações com o debate em curso**

Considerando o cenário brasileiro a partir da década de 2000, no qual uma série de jovens trabalhadores e trabalhadoras altamente escolarizados incorporou-se em relações salariais que, apesar de formalizadas, são precárias no sentido de terem baixa remuneração, alta rotatividade e falta de perspectivas de carreira (Alves, 2012). Nesse período, constituiu-se a nova precariedade salarial engendrada pelo capitalismo flexível que surgiu no País com a reorganização do capitalismo brasileiro.

As mudanças havidas nesses últimos anos, tanto no que diz respeito ao ensino superior como no que diz respeito ao mercado de trabalho e desempenho profissional, só têm sentido se considerada a nova qualidade da demanda imposta pelo desenvolvimento capitalista do país sob interesse e égide do capital oligopolista internacional. A interpenetração entre o desenvolvimento industrial e o capitalismo internacional rearticula a funcionalidade do ensino superior no Brasil de tal modo, que a "universidade praticamente passa, em uma só década, do estágio de formação das elites nacionais, como concepção, para o de formação de força de trabalho para o capital internacional [...] a velha universidade dá lugar à nova, como o velho capital é substituído pelo novo". (Prandi, 1982: 47).

As universidades públicas e privadas, que formam, todo ano, milhares de novos trabalhadores assalariados dispostos a se inserirem no novo mercado de trabalho e nos novos locais de trabalho reestruturados, são, conforme Alves (2012) “incubadoras do precariado”. Em dez anos, o Brasil mais que dobrou o número de concluintes na educação superior, segundo dados do Censo da Educação Superior, de 2001 a 2011, o crescimento de universitários no País foi de 110%. Por outro lado, no decorrer da década de 2000, o desemprego aumentou significativamente entre aqueles com mais de 11 anos de estudos: 36,82% em 2002, 39,84% em 2003; 43,16% em 2004; 46,19% em 2005; 47,81% em 2006; 50,70% em 2007; 52,92 em 2008; e 56,46% em 2009, segundo dados do IBGE/PME, com

um leve decréscimo entre aqueles de 18 a 24 anos (1,5% entre 2002 e 2009) e um pequeno crescimento entre aqueles de 25 a 49 anos (2,4% entre 2002 e 2009).

No campo da educação superior, temos conhecimento de uma série de medidas que vem sendo adotadas sob o argumento da ampliação e facilitação do acesso dos jovens egressos do ensino médio ao ensino superior. As políticas democratizantes mais conhecidas são: o Exame Nacional do Ensino Médio (ENEM), Programa Universidade para Todos (PROUNI) e Programa de Apoio a Planos de Reestruturação e Expansão das Universidades Federais (REUNI), dentre outras. A justificativa dada pelo governo para a existência de tais programas em exame é a democratização do acesso dos jovens de baixa renda à universidade. À junção das medidas citadas com outras também implementadas no governo Lula da Silva dá-se o nome de *reforma universitária*, consubstanciada no Projeto de Lei nº 7.200<sup>1</sup>.

Uma das formas encontradas pelo governo para expandir o acesso ao ensino superior foi via instituições privadas com o apoio da própria Lei de Diretrizes de Base da Educação - LDB nº 9.394/96, que impulsionou e consolidou a diversificação institucional<sup>2</sup>. Além da diversificação institucional, a “reforma” propugnou a diversificação das fontes de financiamento das instituições de ensino superior (IES).

Já a diversificação das fontes de financiamento refere-se à ideia de que o conhecimento oferecido pela educação superior deve ser visto como um bem privado ou mercadoria passível de negociação no mercado de trocas e, portanto, o Estado deve se afastar de sua manutenção. A combinação das duas medidas adotadas propicia a livre competição mercadológica entre os estabelecimentos de educação superior (Souza, 2010: 123).

Outro documento importante divulgado em 2002 foi referente ao Programa *Uma Escola do Tamanho do Brasil*, que apresentava uma série de propostas para a educação no país. O referido documento faz uma leitura do cenário da educação superior do Brasil.

---

<sup>1</sup> Projeto de Lei nº 7.200/2006. Estabelece normas gerais da educação superior, regula a educação superior no sistema federal de ensino, altera as Leis nos 9.394, de 20 de dezembro de 1996; 8.958, de 20 de dezembro de 1994; 9.504, de 30 de setembro de 1997; 9.532, de 10 de dezembro de 1997; 9.870, de 23 de novembro de 1999; e dá outras providências.

<sup>2</sup> A diversificação institucional já havia sido estabelecida no governo FHC mediante os decretos nº 2.207 de 5 de abril de 1997; decreto nº 2.306 de 19 de agosto de 1997, que alterou o anterior e classificou as instituições de ensino superior (IES) em cinco: I - Universidades; II – Centros Universitários; III - Faculdades Integradas; IV - Faculdades; e V - Institutos Superiores ou Escolas Superiores. Nova alteração é realizada pelo decreto nº 3.860, de 9 de julho de 2001, que reduziu de cinco para três a classificação das IES que ficou assim: I - Universidades; II – Centros Universitários; III - Faculdades Integradas; Faculdades; Institutos Superiores e/ou Escolas Superiores.

Uma Escola do Tamanho do Brasil (2002) assinalava que o país contava com apenas 7,7% dos jovens de 18 a 24 anos na educação superior, dos quais 1/3 estavam nas instituições públicas e 2/3 frequentando instituições privadas. Isso mostrava a real necessidade de expansão de vagas no ensino superior. O documento já previa a necessidade de ofertar condições aos estudantes que não tinham outra oportunidade de ingressar na educação superior pública devido à limitação de vagas no setor público, sendo assim obrigados a recorrer às altas mensalidades cobradas nos cursos do setor privado. O documento destacava que “há de se dar resposta às dificuldades financeiras das centenas de milhares de estudantes carentes que se vêem obrigados a frequentar o ensino superior privado e não dispõem de meios para custear seus estudos” (Uma escola do tamanho do Brasil, 2002: 28).

O Brasil possui uma das piores taxas de distribuição de renda do mundo<sup>3</sup>. Esse fato repercute no acesso à educação superior, que tem como traço característico a elitização dos cursos mais valorizados socialmente e, regra geral, ofertados no turno diurno.

Segundo Paula (2009), o Brasil é o país no qual o sistema de educação superior é um dos mais elitistas da América Latina e do mundo. Os dados atuais confirmam essa assertiva, pois do total de 6.739.689 matrículas de graduação, 74,2% das matrículas concentram-se no setor privado e apenas 25,8% no setor público. Isso ocorre devido à falta de investimentos nas instituições públicas de ensino superior (federais, estaduais e municipais), a desresponsabilização do poder público em relação ao financiamento destas instituições e a transferência de recursos públicos para o setor privado via Programa Universidade para Todos (PROUNI).

Outro dado que compõe esse cenário é que a educação superior brasileira é predominantemente privada. De acordo com o Censo da Educação Superior de 2011, há 2.365 IES. Destas, 88% são privadas e somente 12% são públicas (sendo 4,7% estaduais, 4,3% federais e 3,0% municipais).

Mesmo com a expansão do setor privado, o Brasil apresenta baixos índices de acesso à educação superior. A taxa de escolarização líquida é igual a 14,6%, conforme o Censo da Educação Superior de 2011. Esta representa um percentual ínfimo tendo em vista que uma das metas do Plano Nacional de Educação (2001-2010), do período FHC, “[...] previa 30% dos jovens na faixa etária de 18 a 24 anos, matriculados na educação superior, meta que deveria ser alcançada em 2011[...].” (Leher, 2010: 386). Para isso, Fernando Henrique

---

<sup>3</sup> Em conformidade com Cacciomali (2002) é possível corroborar essa ideia quando a autora apresenta dados que mostram o nível de desigualdade da distribuição de renda no Brasil: a renda das famílias 10% mais ricas é cerca de 19 vezes maior do que a renda das famílias 20% mais pobres.

Cardoso cria o Fundo de Financiamento ao Estudante do Ensino Superior (FIES). Entretanto, mesmo com esse mecanismo a meta não foi alcançada, os demais que não conseguiram o acesso nas IES estão estudando em instituições não universitárias, que em muitos casos não articulam ensino-pesquisa-extensão.

## **2. Do interior à universidade: possibilidades de acesso ao ensino superior e os dilemas dos jovens**

Durante o ano letivo de 2013 desenvolvi pesquisa junto aos jovens universitários oriundos do interior, mais especificamente da zona norte do Estado do Ceará, estudantes do curso de licenciatura em Pedagogia, da Universidade Estadual Vale do Acaraú (UVA), cujo objetivo foi identificar quais elementos motivam esses jovens a desenvolver “estratégias integradoras”, de acesso e permanência no ensino superior, que se contrapõem ao processo de exclusão. As pesquisas atuais sobre o acesso de jovens pobres ao ensino superior indicam uma tendência de mudança na realidade da qual fazem parte e, portanto, conhecer o perfil desses indivíduos e sua visão de mundo pode ajudar a entender que mudança é essa, que fatores contribuem para ela e que direção parece estar tomando.

Alguns estudiosos entendem que estudar as situações desses jovens pobres, no que diz respeito ao acesso ao ensino superior, identificando “o que permite a alguns fugir ao círculo vicioso que leva à exclusão e à marginalidade pode ser tão ou mais útil para propostas de políticas sociais quanto apontar esse círculo vicioso” (Moris *et alii*, 1999: 324-325). A universidade pública se expandiu entre o período de 1930-70, mas após esse período, até os dias atuais, as políticas mercantilistas do ensino superior fortaleceram o setor privado, que hoje detém aproximadamente 90% das instituições e 70% do total de matrículas (INEP, 2004:19). A ampliação do número de vagas foi considerável nos últimos anos <sup>4</sup>, mas sua polarização no ensino pago não reduziu as desigualdades entre os grupos sociais.

A figura abaixo foi identificada durante uma das minhas tantas entradas numa pequena agência do Banco Bradesco, que fica localizada no campus Betânia da UVA. Certo dia tive que aguardar aproximadamente uma hora para ser atendida e, junto com outra professora do Curso de Letras, do mesmo Centro, passamos a observar os detalhes da imagem e fizemos uma “longa viagem” sobre a condição da nossa juventude universitária, no

---

<sup>4</sup> Progressão do número de matrícula no ensino superior: 44 mil em 1950; 1,6 milhão em 1995 (Trindade, 2002, p. 26). Em 2003, são 3.887.771 estudantes matriculados e, desse total, 2.750.652 (70%) em instituições privadas (INEP, 2004, p. 19).



caso da UVA, por se tratar de jovens, na maior parte de seus cursos, de classes pobres e do interior da zona noroeste do Estado do Ceará.

Foto 1 – Os jovens do interior



Dos seus quatro campi: Betânia (Centro de Filosofia, Letras e Educação; Centro de Ciências Biológicas; Centro de Ciências Sociais Aplicadas), Junco (Centro de Ciências Humanas), Cidao (Centro de Ciências e Tecnologia) e Derby (Centro de Ciências da Saúde), destacamos os cursos de Enfermagem, Direito e Administração como os cursos que recebem os alunos de classe média ou com melhores condições financeiras. Os demais cursos, na maioria são compostos por jovens de camadas pobres, oriundos das escolas públicas de Sobral e dos interiores de seu entorno, cujas famílias creditam na Universidade um potencial



para mudanças de suas trajetórias de vidas, o lugar de formação e de transformação e passaporte para superação da pobreza.

As expressões registradas na foto como “os primos do interior a caminho da República”, “turma do truco” e “colegas CDF’s” dizem muito quando mergulhamos na realidade dos jovens de nossa Universidade. Parte desses jovens faz deslocamentos diários numa média entre 100 a 200 km (ida e volta para suas cidades de origem). Saem de casa por volta das 16:00h e retornam às 22:00h, sendo que alguns chegam em casa por volta das primeiras horas do dia seguinte. A outra parte, quando não é sobralense, mora nas “Repúblicas”, dividindo espaços com outros colegas e vivendo em situações muito precárias<sup>5</sup>.

Outra expressão que nos chamou atenção foi o destaque dado à abertura de contas para universitários. A própria agência do banco elabora campanhas de marketing sobre a abertura de contas universitárias e a aquisição de cartões de crédito, de modo a reforçar tanto a venda do serviço, bem como mostrar vantagens do seu produto ou serviço para o público juvenil, que são clientes em potencial. Faz investimentos logísticos sobre a ideia de ser portador de uma conta, o que alimenta o sonho da independência financeira, que promoveria esses jovens a um outro *status*, bem diferente de suas condições de origem: portam cartões de crédito, recebem cheques, sem a necessidade de comprovação de renda. Quando nos debruçamos sobre suas trajetórias de vida (social, estudantil, profissional), nos deparamos com um “rosário” de problemas, o que sugere novos estudos sobre as trajetórias de jovens universitários.

Nos limites desse artigo, me proponho a trazer para o debate fragmentos de histórias que ouvi de jovens estudantes do Curso de Pedagogia - bolsistas do Programa Bolsa Universitária (PBU), que durante o ano de 2013 participaram do Grupo de Estudos sobre Culturas Juvenis - sobre seus dilemas diários, mas também sobre seus sonhos e expectativas. Esses jovens recebem “auxílios” através do PBU, cujo valor é inferior a meio salário mínimo. Alguns fazem “bicos” ou trabalhos temporários, como auxiliares nas escolas públicas ou privadas da cidade de Sobral.

As histórias narradas por jovens universitários demonstram o dilema que vivem desde o momento em que desejam ingressar numa Universidade até o momento em que nela ingressam. Assim relata a jovem IVAMS, 22 anos:

---

<sup>5</sup> Estudos sobre jovens universitários que moram nas “repúblicas” são desenvolvidos pela Profa. Dra. Isaurora Claudia Martins de Freitas, do Curso de Ciências Sociais da Universidade Estadual Vale do Acaraú (UVA).

Foi em busca de melhorar de vida e seguir um caminho diferente dos meus pais que me dispus ir em busca de melhoras. Procurar conhecimento, procurar um emprego bom para ajudar em casa, a reforma da casa que nós tanto queríamos. E foi partindo desse impulso que iniciei um cursinho pré-vestibular no intuito de ter uma graduação, de me profissionalizar. Já tinha como exemplo uma irmã pedagoga e outra terminando a graduação em Biologia. Com o incentivo de minha mãe, desde cedo ela sempre quis que nós fizéssemos o que ela não teve oportunidade de fazer, estudar e conseguir um emprego digno, com honestidade e responsabilidade.

Quando terminei o ensino médio fiz o primeiro vestibular para letras, não passei. Decidi estudar um pouco mais, passei menos de seis meses no cursinho Pré-vest e no começo de junho passei no vestibular para Pedagogia. Aquilo ali foi uma felicidade tão grande que nem eu mesmo não me contentava. Nos primeiros meses senti muito, pois tive que mudar de casa para a cidade. Morava na zona rural e o ônibus dos universitários saía da cidade pólo. Mesmo com essa mudança, todas as manhãs aproveitava a carona do ônibus da escola na Zona Rural e ia para a casa da minha mãe, passei um ano e meio mais ou menos nessa rotina. Passava a manhã inteira em casa e meio dia pegava o carro de volta. (IVAMS, 2013)

“Estudo recente do Observatório Universitário da Universidade Cândido Mendes revela que 25% dos potenciais alunos universitários são tão carentes que não têm condições de entrar no ensino superior, mesmo se ele for gratuito” (Pacheco e Ristoff, 2004: 9). Uma efetiva democratização da educação implica, certamente, em políticas voltadas para a ampliação do acesso e fortalecimento do ensino público, em todos os seus níveis, mas também para a permanência dos estudantes no sistema educacional de ensino. O relato do aluno JOMP, 23 anos, demonstra o dilema entre “ficar e sair do interior” X enfrentar a Universidade noutra cidade longe dos pais:

Quanto aos amigos na minha adolescência foram poucas e muito bem seletivas, pois sempre procurei amigadas que me acompanhasse de verdade nos estudos, não fui muito de festas, sempre foi prioridade os meus estudos, e quando passei estudar o ensino médio pela tarde, trabalhava durante o período da manhã e durante a noite fazia cursinho pré - universitário, com este ritmo foi até o mês dezembro do ano de 2008, foi um período de muito cansaço, tentei fraquejar e abandonar a escola e cursinho pra somente trabalhar, e aí que a família aparece e os verdadeiros amigos te sustentam nas palavras, nos estudos e nos momentos de distrações, pois o trabalho estava se tornando pesado e assumir certos compromissos profissionais era difícil.

E aí ao final do ano escutei falar da Universidade Estadual Vale do Acaraú – UVA sendo a universidade mais perto da nossa cidade, e aí veio os conflitos e pensamentos constantes, preocupação dos pais em morar em outra cidade conhecida, chamada de Sobral que apresentava índices de violência e dentre outros problemas, como eu ia sobreviver nesta cidade e como eu ia viver fora da casa dos meus pais, nova vida, foi bastante preocupante, mais fui lá e fiz o vestibular para o curso de Pedagogia, ainda não sabia se realmente seria isso que eu queria fazer, achei a cidade muito quente no dia que fui fazer a prova e imaginei que eu não iria aguentar morar nesta cidade (sorrisos) mas deu certo. Quando saiu o resultado do vestibular eu não quis olhar, pois não queria sair de casa dos meus pais mesmo sabendo do maior desejo de ser o primeiro da família a ter nível superior. Meu pai sempre se perguntava como meu filho vai ficar, como nós vamos fazer com nosso filho, era muitas perguntas. Quando

foi sete horas da noite duas colegas minhas de cursinho chegaram em minha casa gritando que eu tinha passado e tinha ficando na colocação 34ª posição, fiquei parado sem reação, não sabia de chorava ou se gritava, ou se ficava triste, elas me abraçaram e fui correndo conta a minha mãe e ao meu pai de maneira muito tímida, eles ficaram super felizes até mais do que eu, daí então foi só felicidade no trabalho, no grupo de amigos sempre me incentivando para ir em busca do meu sonho.

Neste momento de felicidade me perguntava como eu ia pagar aluguel, como iria comer e dentre mil coisas e impasses de cidade grande, foi quando a atual prefeita municipal da minha cidade Aurineide Pontes que tinha criado este cursinho chamou a todos os pais para uma reunião e ela disse que a prefeitura ia pagar e alugar apartamentos por conta própria, ufa! Uma etapa foi vencida e isso acalmou muitos pais e até nos mesmos, estávamos prontos só esperando o dia de ir com toda mudança.

Em documento do INEP (2000: 41) há a constatação de que "existe um grupo de estudantes pobres e muito pobres que estão conseguindo ultrapassar barreiras ao longo de suas trajetórias escolares, ingressar e permanecer nas universidades públicas". No entanto, entendemos que um dado como esse deve ser acompanhado de estudos que permitam conhecer as reais condições dessa transição na vida do estudante universitário. Como mostra a nossa pesquisa, alguns precisam fazer escolhas difíceis para poder garantir, mesmo de forma precária, o seu lugar na Universidade, como revela a fala da estudante WEVA, 20 anos,

(...) Diante disto, no fim do ano passado recebi uma proposta para estagiar na área de marketing e comunicação de uma empresa de lingerie do distrito onde sou residente. Aceitei o convite e tomei como um oportunidade para expandir cada vez mais meus conhecimentos e adquirir mais experiência quanto aos desafios do trabalho, permaneci durante quase quatro meses na empresa, adquiri muitos aprendizados e habilidades com o trabalho, e então achei melhor continuar a priorizar os estudos da faculdade e as ações da bolsa, que por ventura do trabalho estive sobrecarregada de trabalhos e acabei deixando algumas coisas de lado como as pesquisas e ações de extensão que eram inclusas as ações da bolsa, em meio a esse contexto de ter que escolher uma só coisas, optei sem duvidas por delicadamente pedir permissão de saída do trabalho na fábrica de lingerie, onde utilizei como justificativa os estudos claro, mas também que estive ali para apenas deixar minhas contribuições iniciais para que eles pensassem em outra pessoa e ou equipe para dar continuidade ao trabalho que eu havia desenvolvido mas que havia tantas outras para continuar desenvolvendo, a empresa aceitou de forma totalmente compreensível, e então me defrontei novamente com o ambiente acadêmico e com as pesquisas que haviam tanto contribuído para minha formação social e profissional. (WEVA, 2013)

Ao analisar os relatos dos três jovens e, conforme pude observar durante os debates no grupo de estudos durante o ano de 2013, a maioria deles coloca a necessidade de fazer especialização ou aprimoramento. Enfim, desejam continuar seus estudos através de uma

pós-graduação capaz de lhes garantir a dita “empregabilidade” e reproduzem o discurso de que “para ter um bom emprego, você precisa estar se atualizando, continuar se aprimorando, para ter uma boa oportunidade”. Mas, conforme Alves,

[...] a escolha do aprimoramento continuado ou cursos de especialização e pós-graduação tornou-se a versão atual do alongamento da escolarização, não apenas como a alternativa mais recorrente dos jovens diante do desemprego, mas como necessidades de qualificar-se melhor para acesso a certos postos de trabalho melhor remunerados, que não são para todos. (Alves, 2013: 3)

Enfim, Alves (2013) afirma que a Universidade continua tendo a função de manter por mais tempo a população jovem afastada do escasso mercado de trabalho, retardando a entrada dos estudantes na vida ativa. Entretanto, tem-se a percepção da desvalorização do diploma de graduação, que exige mais tempo de estudo para capacitar-se e melhor se inserir no mercado de trabalho. A tendência que se impõe é que se produzam cérebros para exercerem trabalhos simples e rotineiros em atividades de emprego e trabalho precário (como, por exemplo, os *call centers*). Apesar disso, os jovens profissionais continuam acalentando o sonho da realização profissional.

### **Considerações finais**

Este estudo procurou tratar das desigualdades relacionadas ao acesso e à permanência no sistema de ensino superior na tentativa de proporcionar maiores reflexões sobre as trajetórias de jovens pobres, no que diz respeito aos modos de inserção no ensino superior, em um novo cenário sociopolítico que vem sendo investigado por vários estudiosos na atualidade, procurando, assim, descobrir os novos caminhos percorridos pelos jovens, bem como conhecer as suas estratégias de permanência, que se modelam na experiência coletiva delineada no fazer cotidiano desses atores sociais.

Vale ressaltar que a pesquisa estava voltada para estudantes universitários oriundos de famílias de baixo poder aquisitivo e reduzido capital cultural. Ao combinarmos uma análise crítica sobre as formas de inserção na universidade com a mobilização dos estudantes, ou seja, suas preocupações e práticas, foi possível mostrar as contradições entre uma maior demanda da população pela elevação do nível escolar e as políticas de acesso ao sistema de ensino.

Ao lançar um olhar sobre as formas marginais de inserção de estudantes no ensino superior, levanto a questão: sim ao acesso à universidade, mas há que indagar sobre o que

vem depois. Entendo que não basta ter acesso ao ensino superior, mesmo sendo público conforme indicam os resultados da pesquisa realizada, localizados nas narrativas dos jovens interlocutores. Assim, torna-se redutor considerar indiscriminadamente os casos de estudantes que têm acesso ao ensino superior como de “sucesso escolar”. Evidentemente que caberia melhor definir o que se quer dizer por sucesso escolar. Representaria apenas o acesso ao ensino superior? Ou implicaria pensar as condições sociais e políticas sob as quais estes jovens estão submetidos? Na perspectiva de Bernard Lahire (2004) o “sucesso escolar nos meios populares” contempla experiências de socialização dos sujeitos e suas implicações nas trajetórias de escolarização. Tais experiências podem ser entendidas como mediadores sociais que, articulados em determinados contextos permitem relativizar o discurso da falta, o sucesso ou o fracasso escolar entre as classes populares, de forma que determinados sujeitos, mesmo inseridos em contextos marcados pelas desigualdades sociais obtenham relativo sucesso escolar em suas trajetórias. .

Entendo que se faz necessário ampliar o debate para dar conta de vários outros aspectos da condição dos estudantes universitários: financiamento dos estudos, moradia, transporte, alimentação, saúde, condições e hábitos de trabalho, relações com o meio de origem e com o meio estudantil, cultura e lazer, para poder avaliar os casos de estudantes que têm acesso ao ensino superior como indício de “sucesso escolar”. Reconhecendo os limites da teoria da reprodução, argumentam alguns teóricos, que uma pesquisa representativa do conjunto da população de jovens estudantes universitários permite observar diferentes dimensões do êxito e do fracasso e os efeitos cumulativos da escolarização anterior.

## Referências bibliográficas

- ALVES, Giovanni (2012). *A educação do precariado*. Disponível em: <http://blogdaboitempo.com.br/category/colunas/giovanni-alves/>. (consultado em 24/06/2013)
- BRASIL. *CARTA AO POVO BRASILEIRO*. Disponível em: <[http://www.iisg.nl/collectio ns/carta\\_ao\\_povo\\_brasileiro.p df](http://www.iisg.nl/collectio ns/carta_ao_povo_brasileiro.p df)> (consultado em: 4/05/2013).
- BRASIL. *Lei nº 11.096, de 13 de janeiro de 2005. Institui o Programa Universidade para Todos PROUNI, regula a atuação de entidades beneficentes de assistência social no ensino superior; altera a Lei no 10.891, de 9 de julho de 2004, e dá outras providências*. Disponível em: < [http://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/ Ato2004-2006/200\\_5/Lei/L1\\_1096.htm](http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/ Ato2004-2006/200_5/Lei/L1_1096.htm) >. (consultado em: 05/06/ 2013).
- BRASIL. *Programa de Financiamento Estudantil*. Disponível em: <<http://sisfiesportal.mec.gov.br/faq.html>> (consultado em 10/10/2013).
- Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira (2012). *Censo da educação básica: 2011 – resumo técnico*. Brasília: INEP. Disponível em:

- <[http://download.inep.gov.br/educacao\\_basica/censo\\_escolar/resumos\\_tecnicos/resumo\\_tecnico\\_censo\\_educacao\\_basica\\_2011.pdf](http://download.inep.gov.br/educacao_basica/censo_escolar/resumos_tecnicos/resumo_tecnico_censo_educacao_basica_2011.pdf)>. (consultado em 27/01/2013)
- Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira (2012). *Censo da educação superior: 2010 – resumo técnico*. Brasília: INEP.
- LAHIRE, Bernard. Sucesso Escolar nos meios populares. As razões do improvável. São Paulo: Ática, 2004.
- MORIS, C.L.; FERNANDES, S.R.A.; BATISTA, R (1999). “Os universitários da favela”. In: ZALUAR, A.; ALVITO, M. (Orgs.) *Um século de favela*. 2. Ed. Rio de Janeiro: Ed. Fundação Getúlio Vargas.
- PACHECO, E. e RISTOFF, D.I (2004). *Educação superior: democratizando o acesso*. Brasília: INEP.
- PAULA, Maria Fátima de (2013). *Reforma da educação superior do governo Lula: as políticas de democratização do acesso em foco*. Disponível em: <<http://www.untref.edu.ar/raes/documentos/Reforma%20da%20Educacao%20Superior%20do%20Governo%20Lula.pdf>>. (consultado em 25/01/2013)
- SOUSA, José Vieira de (2011). “Políticas de acesso à educação superior no Brasil: o Enem no centro do debate”. In: ROTHEN, José Carlos; BARREYRO, Gladys Beatriz (Orgs.). *Avaliação da educação superior: diferentes abordagens críticas*. São Paulo: Xamã.
- SOUZA, Joiciane Aparecida de (2010). “Políticas de acesso à educação superior: flexibilização e democratização do ingresso na universidade”. In: FRANÇA, Robson Luiz de (Org.). *Educação e Trabalho: políticas públicas e a formação para o trabalho*. Campinas: Alínea.
- Uma escola do tamanho do Brasil. Disponível em: <<http://www.fpabramo.org.br/uploads/umaescoladotamanhodobrasil.pdf>>. (consultado em: 02/03/2013)
- ZAGO, Nadir (2006). “Do acesso à permanência no ensino superior: percursos de estudantes universitários de camadas populares” In: *Rev. Bras. Educ.* [online]. Vol.11, n.32, pp. 226-237.